

**ALGUMAS BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL
DA ARTE NA CULTURA, SEGUNDO O JOVEM NIETZSCHE**
*SOME BRIEF CONSIDERATIONS ON THE ROLE OF ART
IN CULTURE, ACCORDING TO THE YOUNG NIETZSCHE*

Larissa da Silva Medeiros

Doutoranda em Filosofia no PPGF da UFRJ

Bolsista da CAPES

<https://orcid.org/0009-0000-3780-3147>

<http://lattes.cnpq.br/1993537004365364>

medeiroslarissa@ufrj.com

Resumo: O artigo investiga a importância da arte na renovação da cultura moderna alemã, a partir do pensamento de Friedrich Nietzsche em sua juventude. Para tanto, se baseia em obras como *O Nascimento da Tragédia* (1872), *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* (1872), *David Strauss: o confessor e o escritor* (1873) e *Schopenhauer como educador* (1874). Nietzsche critica o sistema educacional alemão do século XIX, influenciado pelos jornalistas e eruditos, defendendo que a arte pode restaurar a cultura popular alemã. Inspirado nos valores culturais da Grécia antiga, o filósofo vê na arte uma forma de afirmar a vida e resgatar as origens do povo. Desse modo, Nietzsche elabora uma crítica à cultura moderna na Alemanha e propõe um resgate do passado mítico do povo, através da música dionisíaca. Para ele, a renovação cultural dependeria do engajamento dos indivíduos na preparação de um solo cultural adequado para a chegada do gênio metafísico – a meta da cultura.

Palavras-chave: Cultura popular; Estética; Jovem Nietzsche; Gênio artístico.

Abstract: The article investigates the importance of art in the renewal of modern German culture, based on Friedrich Nietzsche's early thought. It draws on works such as *The Birth of Tragedy* (1872), *On the Future of Our Educational Institutions* (1872), *David Strauss: The Confessor and the Writer* (1873), and *Schopenhauer as Educator* (1874). Nietzsche criticizes the 19th-century German educational system, influenced by journalists and scholars, arguing that art can restore German popular culture. Inspired by the cultural values of ancient Greece, the philosopher sees in art a way to affirm life and recover the people's origins. Thus, Nietzsche develops a critique of modern German culture and proposes a recovery of the people's mythical past through Dionysian music. For him, cultural renewal would depend on the engagement of individuals in preparing a proper

cultural ground for the arrival of the metaphysical genius – the ultimate goal of culture.

Keywords: Popular culture; Aesthetics; Young Nietzsche; Artistic genius.

Introdução

O objetivo do artigo será a investigação da importância da arte para a renovação da cultura moderna na Alemanha, segundo o período de juventude de Friedrich Nietzsche. Para tal, partiremos de um recorte específico da obra de Nietzsche, como *O Nascimento da Tragédia* (1872), das conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* (1872), *David Strauss: o confessor e o escritor* (1873) e *Schopenhauer como educador* (1874). Nietzsche identifica problemas na cultura e na educação, que se manifestam nas instituições de ensino do século XIX na Alemanha. Tais instituições se encontravam sob influência dos interesses da elite intelectual alemã, contrária ao crescimento da cultura popular.

Acompanhando os principais argumentos de Nietzsche, é importante destacar que ele encontra no povo grego a referência de uma cultura nutrida pela arte. Os gregos são apresentados como um forte alicerce para pensar a renovação da cultura alemã através da música, um instrumento de resgate das origens do povo e dos aspectos trágicos na cultura do século XIX. No seu projeto estético, Nietzsche revela preocupação com os rumos da cultura popular e realiza uma crítica à civilização que desencadeia numa ampla discussão, buscando rever os valores da cultura moderna através da arte helênica, a saber: na cultura dos gregos, a arte se apresenta como a afirmação da vida, uma justificativa estética para a existência que se dá na união entre os impulsos naturais de criação apolíneo e dionisíaco. A tragédia seria uma expressão máxima da arte grega, que nasce a partir do conflito entre tais impulsos de criação. Por um lado, o impulso apolíneo representa a harmonia e, de outro, o dionisíaco corresponde à desmedida. Recorrendo aos valores trágicos, Nietzsche encontra a importância do mito para o fortalecimento e a formação da cultura, assim como uma busca pelas origens do povo.

A melodia ocupa uma posição de destaque na formação da tragédia grega, em combinação com o canto, a encenação e a poesia lírica. Segundo Nietzsche, a melodia é o fundo a partir do qual as palavras ganham vida e compõem o espetáculo trágico. Sua leitura acerca da cultura grega, e a tentativa de uma reapropriação na modernidade, evidencia a tentativa de pensar uma renovação estética baseada nos valores e na música grega. Na tragédia grega, a música representa uma forma de expressão artística primordial, destacando-se especialmente por meio do coro, elemento central da encenação, que ressalta sua importância para a construção do drama trágico. É importante notar que Nietzsche aponta os gregos como os guias para uma possível renovação da cultura alemã, a partir dos seus valores. Além disso, na seção 23 de *O Nascimento da Tragédia* ele destaca o entrelaçamento entre: “[...] a arte e o povo, o mito e o costume, a tragédia e o Estado” (NT 23, p. 135), como uma base para o caráter do povo grego e em espelhamento, para a cultura do povo alemão. Desse modo, seria possível o renascimento do espírito alemão através da música, o povo seria conduzido pelo cortejo de “entusiastas dionisiacos” (NT, 23, p. 134).

Uma das questões que chama a nossa atenção em *O Nascimento da Tragédia* é a posição que o artista ocupa no projeto metafísico de Nietzsche, a justificação da existência se dá enquanto um fenômeno estético (NT 24, p. 139). Nesse projeto, fica evidente uma crítica à cultura e à educação no século XIX. A discussão no projeto de metafísica de artista gira em torno da crítica a diversos aspectos da cultura alemã. Percebemos que Nietzsche se ocupa das mesmas questões que outros intelectuais de sua época: a preocupação com o declínio da cultura popular. Uma geração de pesquisadores acreditava que a memória popular estava em um processo contínuo de desaparecimento, juntamente com a identidade nacional. Tal questão levou Nietzsche a pensar o que seria uma cultura popular renovada através dos seus mitos e da música, uma cultura com unidade de estilo.

Nesse ponto, podemos dizer que a crítica de Nietzsche à formação dos homens e mulheres na Alemanha moderna busca pensar o resgate das bases da cultura alemã por meio de uma releitura da cultura grega, tomada como referência para a elaboração de um ideal de formação da humanidade. Ele destaca o “renascimento da Antiguidade grega” (NT 20, p. 120) através da música

dionisíaca, que seria uma grande aliada contra o aniquilamento da cultura popular, na medida em que a arte possui condições de possibilidade de restaurar as forças do espírito alemão. Na seção 19 de *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche apresenta Dionísio como um transformador da cultura: “[...] tudo o que chamamos agora de cultura, educação, civilização terá algum dia de comparecer perante o infalível juiz Dionísio” (NT 19, p. 117).

Vale ressaltar que a seção 20 de *O Nascimento da Tragédia* também é de fundamental importância para as nossas análises. Ao teorizar sobre o enfraquecimento das instituições de ensino alemãs, repletas de professores adaptados ao estilo jornalístico, Nietzsche aponta que o jornalista, “a mariposa serenojovial e culta”, contribuiu para a inviabilização do renascimento da cultura helênica na Alemanha. Nota-se que, posteriormente, em *Sobre o Futuro dos nossos Estabelecimentos de Ensino*, Nietzsche manifesta novamente o seu interesse especial na crítica contra o papel dos jornalistas e da imprensa nas instituições de ensino da época. A influência do jornalismo estabeleceu a criação de uma “pseudocultura”, contrária aos valores helênicos.

1 A crítica à cultura moderna na Alemanha

A essa altura, consideremos o que Nietzsche diz sobre a cultura moderna na Alemanha: “Não há nenhum outro período artístico em que a assim chamada cultura e a genuína arte tenham sido tão alienadas e distanciadas, uma em relação à outra, como o que vemos com os nossos próprios olhos no presente” (NT 20, p. 119). Em seguida, ele argumenta que a cultura moderna e os falsos educadores temem a verdadeira arte pois ela representa o seu declínio. Um dos primeiros sintomas que ele aponta neste texto é a renúncia dos ideais helênicos – como o ensino e o cultivo da língua materna, por exemplo – nas instituições superiores de ensino alemãs, o distanciamento dos valores culturais gregos que operou uma inversão nos propósitos do ensino sobre a antiguidade. O estilo dos jornalistas, adotado pelos professores das instituições de ensino alemãs, aniquilou as últimas esperanças de um renascimento dos ideais helênicos no ensino universitário. Podemos dizer que, a partir desse exemplo, Nietzsche lança uma crítica ao estilo

da figura do jornalista, o “escravo de papel do dia” (NT 20, p. 119), como sintoma da decadência da cultura.

Em *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, essa discussão ganhará novas nuances. Como, por exemplo, as análises sobre a deterioração do ensino nos ginásios, que reflete nas universidades, provocada pelos interesses econômicos em torno da educação. Como argumenta Nietzsche: “O ginásio, de acordo com a sua formação primitiva, forma não para a cultura, mas unicamente para a erudição e, em seguida, que, nos últimos tempos, ele toma como tarefa não mais formar sequer para a erudição [...]” (EE 2, p. 70). Ele pensa uma crítica significativa à educação submetida à ideologia do Estado, buscando o caminho da libertação do ensino das amarras dos interesses econômicos, uma cultura livre da influência dos eruditos. A formação ideal seria aquela que busca despertar a criatividade, contrária aos interesses burgueses que visavam o lucro. A arte é abandonada e substituída pela visão cientificista, comprometendo a formação de uma cultura genuína e ligada às manifestações tradicionais do povo. Chama a nossa atenção a forma como Nietzsche conduz sua crítica à cultura nas conferências, por meio de duas correntes distintas:

Eis aqui minha tese: duas correntes aparentemente opostas, ambas nefastas nos seus efeitos e finalmente unidas nos seus resultados, dominam hoje os nossos estabelecimentos de ensino, originalmente fundadas em bases totalmente diferentes: por um lado, a tendência de estender tanto quanto possível a cultura, por outro lado, a tendência de reduzi-la e enfraquecê-la. (EE, 1 Prefácio p. 44).

Nota-se que na primeira delas, a cultura deve ser propagada em círculos sociais amplos e massificada, ainda que esvaziada de conteúdo. Enquanto a segunda corrente corresponde à cultura popular, enfraquecida e submetida aos interesses do Estado. Podemos dizer que a cultura popular, genuína e soberana, seria reduzida aos valores burgueses, que buscam o lucro e a produção cultural voltada ao consumo em massa, sem prezar pela qualidade e a profundidade de seu conteúdo. Essas duas tendências são contrárias aos desígnios da natureza (EE, 1 Prefácio p. 44) e fundam aquilo que seria chamado de uma cultura mentirosa, disseminada entre o maior número possível de indivíduos.

Vejam agora como aparece a noção de cultura em um trecho de *David Strauss, o confessor e o escritor*, que fornece indícios para pensar o que o jovem Nietzsche entende por cultura. Antes de tudo, Nietzsche critica abertamente o filisteu, a figura burguesa do homem da cultura (DS 2, p. 11) que encontrava-se nos meios universitários em meados do século XIX. O filisteu era dotado de interesses supérfluos, encontrava na educação uma ferramenta para estimular o acúmulo de bens materiais. Ao longo do texto, nota-se que Nietzsche aponta que esses homens possuíam uma rasa formação artística e nenhuma relação com autores clássicos da literatura alemã (Paschoal, p. X/10). David Strauss seria um típico filisteu de sua época: o fruto de uma formação que expressa a mais completa decadência da cultura alemã. Em sua crítica, Nietzsche apresenta sua concepção de cultura (*Kultur*) como uma unidade de estilo artístico:

Cultura (*Kultur*) é, antes de tudo, unidade de estilo artístico em todas as expressões de vida de um povo. Saber muitas coisas e ter muitas qualificações não é, por conseguinte, um meio necessário da cultura, tampouco um sinal dela, e combina muito mais, em caso de necessidade, com o contrário da cultura, com a barbárie, ou seja: com a ausência de estilo ou com a caótica confusão de todos os estilos. (DS 1, p. 9).

Nesse trecho, Nietzsche aponta como a cultura é delimitada pelas experiências coletivas de um povo. Outro ponto de destaque é a denúncia da ausência de estilo na cultura alemã moderna, que enfrentava uma confusão de todos os estilos. Para Nietzsche, o acúmulo de referências variadas e distintas compõe a cultura alemã daquele período, marcada pelos excessos. Havia um problema de formação (*bildung*) que atravessava as instituições de ensino da época, prezando pela importância do conhecimento científico, amplamente baseado na racionalidade.

Em “*Educar os educadores!*” Nietzsche e o problema da educação, Scarlett Marton (2022, p. 18) observa: “Antes, a cultura não devia ter nenhum intuito utilitário; agora, ela está atrelada às exigências do momento, aos caprichos da moda, aos ditames da opinião pública.” A concepção de cultura que Nietzsche critica era aliada à burguesia alemã e aos interesses do Estado, submetida ao maior número possível de pessoas. Desse modo, o consumo de cultura estava

voltado ao trabalho, deveria visar a capacitação técnica e rápida, tendo como objetivo preparar indivíduos para atender as demandas profissionalizantes. Além disso, essa atmosfera cultural foi propícia à uma forte massificação da cultura pelo Estado, que distorce os propósitos de uma cultura amplamente popular. Nas conferências e extemporâneas, pode-se dizer que a cultura, segundo Nietzsche, deveria seguir o modelo de uma unidade de estilo, concebida a partir das múltiplas vivências de um povo e alicerçada em sua expressão artística. Nessa altura do nosso artigo, é preciso destacar que, nessa fase, o termo que Nietzsche entende por “cultura” era corrente no século XIX, uma perspectiva que reflete o enobrecimento do caráter (Marton, 2022, p. 20) e aperfeiçoamento humano, acima de todos os aspectos ordinários da vida.

Dentre as extemporâneas, temos *Schopenhauer como educador*, que serve como um forte referencial teórico para o tema do nosso artigo. Além de ser um texto significativo para discutir o problema da formação no jovem Nietzsche, uma vez que apresenta investigações acerca da educação e da arte. Podemos dizer que Nietzsche encontra no filósofo alemão Arthur Schopenhauer um mestre e arauto da cultura trágica entre os modernos. Schopenhauer seria capaz de libertar a cultura moderna das amarras da filosofia universitária, conduzida pelos filisteus da cultura e pelos filósofos submetidos aos interesses do Estado. Em linhas gerais, ele é um crítico dos seus contemporâneos, da decadência da cultura alemã, o completo desenraizamento da cultura (SE 4, p. 48). Schopenhauer representa o educador capaz de apontar os principais problemas e deficiências de seu tempo “[...] todos nós podemos nos educar, por intermédio de Schopenhauer, contra o nosso tempo – pois, por seu intermédio, temos a vantagem de efetivamente conhecer esse tempo.” (SE 4, p. 37).

No mesmo livro, Nietzsche propõe uma noção de educação que favorece a formação de indivíduos livres, num percurso educacional autêntico, seguindo a vocação de cada indivíduo e sua própria trajetória de vida (Peixoto, 2023, p. 165). De acordo com esse ideal, os indivíduos devem ser estimulados a buscar o seu próprio caminho, assumindo responsabilidade pela sua existência genuína (SE, 1, p. 15). É como se todos os seres humanos estivessem em uma busca constante de reencontrar a si mesmos. Nota-se que, para Nietzsche, apenas o próprio indivíduo é capaz de buscar suas motivações e singularidades. O verdadeiro

educador, nesse percurso de formação, reforça e orienta a busca pelas suas inclinações, de modo que não siga um padrão pré-estabelecido: “Seus educadores não podem ser mais que seus libertadores. E esse é o segredo de toda formação (*bildung*): ela não provê membros artificiais, narizes de cera, ou lentes para os olhos [...]” (SE, 1 p. 17).

2 A chegada do gênio metafísico

Na primeira seção de *Schopenhauer como educador*, Nietzsche chama a atenção do leitor para a indisposição dos homens e mulheres de seu tempo, acomodados e conformados com os rumos da massa. Nessa posição, os indivíduos traem a si mesmos e temem reconhecer suas próprias inclinações, aquelas que fazem de cada ser humano um “milagre único”. Para se libertar dessa posição, cabe a cada indivíduo seguir a sua própria consciência, buscar viver de forma mais autêntica. Assim, Nietzsche aconselha: “O homem que não quiser pertencer à massa precisa apenas deixar de ser condescendente consigo mesmo; que ele siga, então, sua consciência, que lhe exorta: ‘Seja você mesmo! Tudo isto não é você, o que você agora faz, pensa, deseja’” (SE 1, p. 14). Nesse sentido, pode-se dizer que o indivíduo aprisionado necessita exercitar o autoconhecimento para conduzir a sua vida, despertar das amarras de sua época. Na continuação do texto, ele declara: “Não há na natureza nenhuma criatura mais desolada e repugnante do que o homem que, após se afastar de seu gênio, espreita à direita e à esquerda, adiante e a toda parte” (SE 1, p. 14). Nesse trecho, nos interessa particularmente o uso do termo “gênio”, que indica a herança da noção de caráter adquirido de Schopenhauer. Cada indivíduo possui um caráter único a ser conhecido ao longo da vida, revelado gradativamente no decorrer das mais variadas experiências.

Vejamos agora o que Schopenhauer entende por caráter adquirido. O caráter inteligível seria uma objetivação imutável da vontade, presente em cada ser humano, que se torna conhecido no tempo e espaço através das manifestações do caráter empírico (Debona, 2016, p. 84). Apesar dessas manifestações, o caráter inteligível não se mostra totalmente nas aparições fenomênicas. Assim, o caráter empírico se dá nas aparições no tempo, espelhando o caráter inteligível. Tais aparições são estabelecidas por meio dos motivos, orientando as ações dos

indivíduos no mundo e expressando o seu caráter. Por outro lado, o caráter adquirido se refere ao caráter do indivíduo, em relação aos outros seres humanos. Dessa maneira, o caráter adquirido se desdobra nas experiências do indivíduo no mundo, ou mais precisamente, em sociedade. O conhecimento adquirido por meio das ações e dos motivos conduz o indivíduo ao reconhecimento do seu caráter, buscando viver de acordo com aquilo que é adequado às suas especificidades. Assim, a experiência conduz o indivíduo ao conhecimento da vontade e das suas necessidades genuínas. Ele não mais buscará satisfação em escolhas equivocadas e contrárias aos seus dons, reconhecendo seus pontos fortes e fracos (MVR S 55, 2015, p. 354). Schopenhauer mostra que o indivíduo buscará agir de acordo com a sua natureza individual, a experiência ensina o que cada um quer ou pode fazer, reconhecendo as qualidades do próprio caráter em tudo que faz, dessa maneira, ele argumenta: “Este nada mais é senão o conhecimento mais acabado possível da própria individualidade: logo trata-se do saber dos pontos fortes e fracos da nossa individualidade” (MVR S 55, 2015, p. 353). Dessa forma, cada pessoa poderia orientar com mais clareza suas escolhas na vida, conhecendo suas próprias fraquezas e aptidões, evitando ser conduzido por disposições contrárias à sua natureza, que poderiam causar dor e desprazer.

Seguindo essa perspectiva, Nietzsche critica seu tempo e incentiva cada indivíduo a conhecer seu próprio caráter individual, numa época repleta de homens e mulheres preocupados com a opinião pública, que se distanciam gradativamente do conhecimento de si mesmos. Cada indivíduo deveria se ocupar em viver de acordo com a sua “própria medida” (SE 1, p. 15), de acordo com o seu caráter. Podemos dizer que o caminho para a libertação e o autoconhecimento é dado unicamente ao indivíduo que ousa se responsabilizar pela própria vida, desprezando aquilo que é dito pelos outros. A essa altura, cabe perguntar de que maneira o indivíduo poderia alcançar as condições favoráveis à sua própria formação. Nietzsche apresenta a figura do educador como alguém que faz o papel de orientação nesse caminho de libertação e conhecimento de si. O educador é aquele que serve de exemplo, capaz de inspirar os indivíduos a romper com o comodismo e buscar uma formação autônoma (Peixoto, 2023, p. 186). No entanto, homens e mulheres vivem uma “confusão na alma moderna” que impede o florescimento das individualidades.

Ainda em *Schopenhauer como Educador*, Nietzsche pensa o trabalho da cultura como o engendramento de “grandes homens singulares” e a formação do gênio. Nesse ponto, nos interessa o modo como Nietzsche se empenha na tarefa de libertar os indivíduos de uma cultura moldada segundo os interesses do Estado, visando o florescimento de uma verdadeira cultura, guiada pela natureza ingênua em si mesma. A cultura deve se apresentar como uma expressão da natureza, tomá-la como um modelo para os seus fins (Kofman, 1985 p. 88). Tais fins dizem respeito à produção de grandes exemplares, como o filósofo, o artista e o santo. Por sua vez, a natureza encontra na cultura uma extensão, que complementa tudo aquilo que ela tem de mais perfeito. Nas palavras de Nietzsche, a formação (*bildung*):

Ela é, na verdade, libertação, extirpação de todas as ervas daninhas, detritos e vermes que querem lesar o tenro germe das plantas, ela é emanção de luz e calor, o sussurrar afetuoso da chuva noturna, a imitação e culto da natureza sempre que esta se faz maternal e piedosa, ela é o arremate da natureza, o momento em que esta abdica de seus ataques cruéis e impiedosos e volta-se para o bem, o momento em que cobre com um véu as expressões de seu temperamento madraço e de sua triste falta de compreensão. (SE 1, 18).

Esse trecho elucidado de que modo a cultura imita a natureza e lança sobre ela um véu, dando acabamento e expulsando os elementos que atrofiaram a formação dos indivíduos. Nietzsche reconhece que, para o surgimento do gênio, torna-se necessário o cultivo de um solo fértil, propício ao florescimento das grandes individualidades. A formação desses indivíduos alimenta a cultura, sendo indispensável para sua sustentação e para a preservação de uma unidade de estilo – capaz de neutralizar a confusão e os excessos de uma época marcada pelo adoecimento. Seria possível dizer que os critérios estéticos e culturais de Nietzsche em *Schopenhauer como educador* envolvem tudo aquilo que possibilita a educação e a transformação de si.

Cabe destacar que a concepção de cultura apresentada em *Schopenhauer como educador*, marcada por uma tese metafísica, contrasta com a concepção de cultura popular, tal como Nietzsche a apresenta em *O Nascimento da Tragédia*. Nota-se que o enaltecimento da criação de indivíduos excepcionais como meta da

natureza estabelece uma tensão com a visão valorizada anteriormente por Nietzsche, na qual a tragédia grega é pensada como uma manifestação artística de origem popular, expressão do povo. A ideia de formação de um sentido de unidade para a cultura alemã está associada, assim, à necessidade de estabelecer as bases para a formação de indivíduos inseridos em uma cultura popular, nutrida pela profunda relação do povo com os seus mitos e origens, elementos de grande importância para a compreensão da força natural da cultura (NT 23, p. 133), que se mostra através da busca pelas raízes populares.

Nietzsche critica a barbárie cultural representada pelo acúmulo excessivo de referências, que impede a formação de um sentido de unidade. Nesse aspecto, para Nietzsche o erudito seria o “inimigo da cultura, pois quer negar a doença generalizada, e se torna um empecilho aos médicos. Esses pobres bufões desvigorados se tornam amargos quando alguém fala de suas fraquezas e se opõe ao seu espírito nocivo e mendaz” (SE 4, p. 48). Ele representa uma formação cultural repleta de excessos, possui um “caráter informe” (SE 6, p.81), instruído pelos interesses econômicos e o acúmulo de conhecimento. Em contraste com esses valores decadentes, uma cultura saudável exige o cultivo do conhecimento artístico, o aprendizado da fala e o desenvolvimento de uma relação profunda com a escrita. Nesse sentido, Nietzsche se opõe à formação de uma cultura meramente conteudista, fragmentada em múltiplos estilos e interesses volúveis, moldados conforme o Estado. Esse modelo de cultura que Nietzsche critica é destituído de cultivo no seu interior, um instrumento de autoengano. Kofman (1985, p. 94) comenta: “É substituir uma cultura bárbara desprovida de estilo, mistura de todos os estilos, por uma cultura de grande estilo no qual os instintos deixam de estar em guerra uns com os outros, pois são disciplinados pela unidade de um mesmo querer”. Dito isso, para Nietzsche, a verdadeira cultura é uma prioridade, na medida em que propicia o desenvolvimento da sensibilidade necessária ao reconhecimento das necessidades individuais de cada ser humano.

É preciso acrescentar, ainda, que a predominância dos eruditos impede a realização da meta da cultura: a criação do gênio. Nas palavras de Nietzsche: “Pois suspeitamos que tais homens, com todo seu engenho, não apenas deixam de promover, como até mesmo entravam uma cultura em formação e a produção do

gênio – ou seja, a meta de toda cultura” (SE 3, p. 38). O florescimento do gênio é o resultado de um solo cultural fértil e de uma formação fecunda, que estimula a libertação e as inclinações dos indivíduos.

Podemos notar que Schopenhauer é tomado como um exemplo de educador e grande conhecedor de seu tempo, capaz de pensar uma formação filosófica individual. Nietzsche enuncia: “Mas eu havia prometido apresentar Schopenhauer, segundo minhas próprias experiências, como educador [...]” (SE 5, p. 61). Em suas criações, Schopenhauer preza profundamente pela originalidade, se destacando como um pensador excepcional e crítico de uma época. Conforme argumenta James Conant, para Nietzsche, Schopenhauer se destaca como um educador, destituído de grandes virtudes. Assim, ele pode ser considerado um exemplo pelas suas características humanas, que refletem aspectos comuns em todos nós, segundo Conant: “O retrato que Nietzsche faz de Schopenhauer deve mostrá-lo como humano; tanto suas forças quanto suas falhas devem se apresentar como conquistas e fracassos que refletem (e, portanto, educam) nossas próprias capacidades” (Conant, 2001, p. 213. Tradução nossa). O desenvolvimento da identificação com a figura humanizada de Schopenhauer inspira o engajamento dos indivíduos na produção do gênio, reconhecendo nele um “companheiro sofredor”, alguém que possui todas as imperfeições humanas. Schopenhauer se apresenta como um educador destituído de privilégios, que orienta a preparação de um solo cultural fértil, encarnando um modelo do que outros seres humanos poderiam ser - embora poucos, de fato, sejam. Assim sendo, os indivíduos comuns reconhecem a importância do seu próprio papel na produção do gênio, pois ele seria um acontecimento digno de culto e admiração coletiva.

Ainda na seção 3, Nietzsche também revela que a raiz de toda cultura – a verdadeira aspiração de todos os indivíduos – deve ser o renascimento como gênio ou santo. (SE 3, p. 38) Percebe-se que o gênio é retratado como um indivíduo singular, marcado por sua originalidade e pela capacidade de compreender o todo. Ele se eleva acima das convenções sociais de sua época, recusando-se a seguir regras - uma postura essencial para a realização de criações autênticas e únicas. Nietzsche cita o compositor alemão Richard Wagner como

um exemplo do gênio de sua época, pois Wagner teria trazido à tona a verdade superior que vive nele (SE 3, p. 30). Esses tipos geniais são figuras excepcionais em suas épocas e alcançam a liberdade de espírito levando uma vida autêntica, destacando-se dos demais por sua singularidade.

Na sexta seção de *Schopenhauer como educador*, percebemos que Nietzsche parte do pressuposto que a humanidade deve trabalhar para o engendramento dos grandes indivíduos da cultura. Trata-se de uma tese metafísica que será posteriormente abandonada por Nietzsche a partir de *Humano demasiado humano* (1878), embora ele continue a defender a importância de a cultura proporcionar condições adequadas para o surgimento de indivíduos singulares. No entanto, neste artigo nos dedicamos exclusivamente à tese metafísica presente em *Schopenhauer como educador*. Nietzsche sugere que o trabalho e função da humanidade não consiste em alimentar os interesses do Estado, tão pouco acreditar no desenvolvimento da massa e no seu bem-estar; a meta da humanidade é produzir condições favoráveis para o surgimento do gênio (SE 6, p. 71). O engendramento do gênio seria a resposta ao desejo mais íntimo que cada indivíduo carrega no seu interior, esse anseio por uma humanidade mais saudável. De modo que Nietzsche não dirige sua crítica ao ser humano comum, desprovido de certos dons, mas àquele que renunciou ao desenvolvimento do seu próprio gênio. De acordo com Nietzsche, os jovens poderiam ser educados para se reconhecerem como uma obra da natureza e leais à realização dos seus fins, ao mesmo tempo em que reconhecem as limitações de cada indivíduo e de si. Podemos observar que um indivíduo torna-se integrante da cultura quando admite a existência de tipos mais elevados que si mesmo, para os quais ele precisa se dedicar com compaixão e admiração (SE 6, p. 47).

Considerações finais

Em conclusão, neste artigo levantamos as questões centrais da investigação: o que Nietzsche entende por cultura? De que maneira a arte seria capaz de promover a renovação da cultura alemã? Estabelecido esse ponto de partida, realizamos uma breve análise do conceito de cultura (*Kultur*) no período

de juventude da obra de Nietzsche, com o objetivo de analisar detalhadamente o sentido amplo de seu uso, no modo como foi apresentada nas discussões acerca da cultura.

Vimos que Nietzsche se empenha em pensar de que modo seria possível realizar o resgate da cultura alemã por meio do espelhamento dos valores artísticos da Grécia antiga, que orientam seu pensamento como referência cultural. Em *O Nascimento da tragédia*, ele sustenta que a arte teria o poder de recuperar o espírito alemão. Por sua vez, Dionísio seria o guia para essa mudança significativa na cultura, uma vez que Nietzsche considera a música dionisíaca a expressão artística adequada para indicar o caminho pelo qual o povo alemão poderia reencontrar os seus mitos. Essa tentativa de reaproximação da cultura moderna com o núcleo metafísico da existência depende da reconexão do povo com as suas origens, possibilitada pelo renascimento dos mitos. Assim, ao espelhar a cultura moderna na Alemanha com os caracteres da antiguidade, Nietzsche identifica, no transbordamento de vida que se dá na arte trágica, um caminho para pensar as bases de um solo cultural renovado.

Nesse sentido, para pensar a possibilidade dessa renovação cultural, destacamos a crítica de Nietzsche às instituições de ensino de sua época e ao chamado ensino jornalístico, em oposição aos valores helênicos. Parte dessa crítica de Nietzsche se dá graças ao enfraquecimento da relação entre os estudantes do ginásio e do ensino superior com a língua materna – o alemão. Ele argumenta: “[...] enquanto tratarem a língua materna como se ela fosse um mal necessário ou um corpo morto, eu não poderei incluir estes estabelecimentos de ensino entre as instituições consagradas à verdadeira cultura” (EE 2, p. 87). Nas conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, Nietzsche evidencia ainda o modo como a figura do jornalista contribui para o declínio da escrita e a ausência de estilo. Portanto, a renovação da cultura exigiria também uma transformação nos moldes do ensino no ginásio e nas universidades, responsáveis pela formação de indivíduos para a cultura.

À luz do que foi exposto ao longo deste artigo, fica evidente que a perspectiva de Nietzsche acerca da concepção de cultura assume uma tese metafísica, na qual o engajamento coletivo representa uma condição

indispensável para a chegada do gênio – aquele que, nutrido pelo próprio povo, será o seu guia para a eternidade. Desse modo, preparar o solo cultural adequado para a sua chegada não é uma tarefa secundária, mas uma necessidade fundamental, pois é no seio da cultura que ele cresce e se forma (EE, 3 p. 106). Por fim, podemos dizer que a cultura colabora na realização da meta da natureza.

Referências

DEBONA, Vilmar. Caráter adquirido, sociabilidade e a moral do "como se" (Als-Ob) em Schopenhauer. *Revista Trágica*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 84-102, 2016.

MARTON, Scarlett. “Educar os educadores!” Nietzsche e o problema da educação. *Cadernos Nietzsche*, Guarulhos; Porto Seguro, n. 43, p. 11-28, 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre educação*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsbourg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer como educador*. Tradução de Giovane Rodrigues e Tiago Tranjan. São Paulo: Editora Mundaréu, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. *David Strauss, o confessor e o escritor*. Tradução, apresentação e notas de Antônio Edmilson Paschoal. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2020.

PEIXOTO, Enoch. Schopenhauer como educador: modelo de uma formação intempestiva. *Filosofia e Educação*, Campinas, v. 14, n. 3, p. 162-189, 2023.

SCHACHT, Richard. *Nietzsche's Postmoralism: essays on Nietzsche's prelude to philosophy's future*. New York: Cambridge University Press, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e como Representação*. Tradução, apresentação, notas e índice de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2015.